

A DINÂMICA DOS CORPOS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PROBLEMATIZADORA VOLTADA À EDUCAÇÃO SEXUAL

João Henrique do Amaral Guerreiro ¹

Mônica de Souza Trevisan ²

Rafaelle Ribeiro Gonçalves ³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a Dinâmica dos Corpos, uma proposta pedagógica de caráter lúdico e inclusivo voltada à educação e fundamentada nos direitos humanos para desenvolvimento no contexto escolar. A discussão parte da problematização da fragilidade do modelo binário que estrutura a sociedade contemporânea que, ao normatizar corpos e identidades, acaba por excluir sujeitos que não se enquadram nos padrões hegemônicos de gênero, sexualidade, raça e deficiências. Essa arquitetura social se reflete diretamente na escola, espaço que deve ser emancipatório, preparando os estudantes para conviver com as diversidades da vida e evitando a reprodução de preconceitos e silenciamentos. Nesse sentido, o referencial teórico-metodológico adotado fundamenta-se em perspectivas críticas sobre diversidade, inclusão e práticas pedagógicas lúdicas, compreendendo a dinâmica como uma estratégia educativa capaz de articular dimensões cognitivas, afetivas e sociais no processo de ensino-aprendizagem. Metodologicamente, a Dinâmica dos Corpos foi desenvolvida a partir da identificação da ausência de uma educação sexual reflexiva e inclusiva nas escolas, sendo estruturada por peças corporais que representam diferentes marcadores sociais, como variações de tons de pele, deficiências, roupas, acessórios e genitálias masculinas e femininas. Durante o desenvolvimento da proposta os estudantes recebem as peças de forma progressiva e constroem narrativas a partir da montagem dos corpos, sendo orientados a manter a coerência das características previamente atribuídas aos personagens. Esse processo favorece a compreensão e reflexões de temas como identidades trans, diversidade sexual, racismo e capacitismo, além de possibilitar a identificação de preconceitos presentes nas próprias falas dos alunos. Como principais resultados, observou-se maior engajamento dos estudantes, ampliação do diálogo sobre diversidade e inclusão, desenvolvimento da empatia e problematização crítica de normas naturalizadas, evidenciando o potencial da Dinâmica dos Corpos como uma estratégia pedagógica potente, sensível e transformadora para a promoção de uma educação emancipatória e comprometida com os direitos humanos.

Palavras-chave: Educação em direitos humanos, diversidade, inclusão, práticas lúdicas, deficiência.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea ainda se encontra amplamente arquitetada sobre um modelo binário rígido, que organiza corpos, identidades e existências a partir de polaridades

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi - IFFar Campus Panambi joao.2023010674@aluno.iffar.edu.br;

2 Doutora em Educação (UFSM), Docente da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi - IFFar Campus Panambi, monica.trevisan@iffarroupilha.edu.br

3 Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Franciscana, Docente da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi - IFFar Campus Panambi, rafaelle.goncalves@iffarroupilha.edu.br;



fixas e excludentes. Essa arquitetura binária, ao tentar simplificar a complexidade humana, revela-se profundamente frágil, pois não contempla a pluralidade de experiências que atravessam os sujeitos. Assim, corpos que escapam às normativas de gênero, sexualidade, raça e deficiências acabam sendo posicionados à margem da sociedade, tal deslocamento produz sentimentos de não pertencimento e exclusão. Desta forma, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência e pessoas negras frequentemente não se veem representadas ou acolhidas nesse sistema, o que evidencia as fragilidades de um modelo que insiste em categorizar a vida a partir de padrões estanques. Nesse contexto, os corpos tornam-se líquidos, no sentido de que transitam, resistem e se organizam frente às tentativas de enquadramento, expondo a instabilidade das normas e a urgência de repensar as bases simbólicas que estruturam a convivência social (BAUMAN, 2001).

Neste âmbito, a escola emerge como um espaço estratégico para a problematização crítica destas arquiteturas excludentes. O uso de jogos no processo de ensino-aprendizagem tem se mostrado uma potente ferramenta pedagógica, especialmente quando articulado a temáticas sensíveis e socialmente relevantes. Jogos que abordam questões relacionadas à diversidade sexual, gênero, diversidade racial e às deficiências possibilitam que estudantes de diferentes idades entrem em contato com realidades diversas de forma mediada, reflexiva e não impositiva. Ao vivenciarem essas experiências lúdicas, os alunos são convidados a reconhecer preconceitos naturalizados, compreender desigualdades estruturais e desenvolver empatia, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos e sensíveis às falhas e tensões da sociedade atual.

As práticas lúdicas, nesse sentido, extrapolam a função de entretenimento e assumem um papel formativo fundamental. Ao jogar, os estudantes se engajam afetivamente, sentem-se mais à vontade para expressar opiniões, dúvidas e sentimentos, e constroem coletivamente significados sobre o mundo social. Essa dimensão afetiva e participativa favorece a motivação, o envolvimento e a aprendizagem significativa, criando um ambiente propício para o diálogo sobre temas que, muitas vezes, são silenciados no espaço escolar. Assim, o jogo se configura como uma estratégia pedagógica capaz de articular conhecimento, emoção e ação, promovendo experiências educativas mais inclusivas e humanizadas.

É nesse contexto que se insere o jogo denominado Dinâmica dos Corpos, uma proposta lúdico-pedagógica voltada à discussão dos direitos humanos a partir da diversidade corporal e identitária. O jogo parte da mobilização de marcadores sociais como gênero, sexualidade, raça e deficiência para provocar reflexões críticas sobre inclusão e exclusão. Constituído por seis peças em formato de corpos, com diferentes tons de pele, roupas, cabelos



e acessórios como muletas e cadeiras de rodas, presença ou ausência de membros do corpo, bem como genitálias masculinas e femininas. A partir da montagem desses corpos, os estudantes constroem narrativas que permitem problematizar distintas identidades, reconhecendo a pluralidade das existências humanas e tensionando os limites do pensamento binário.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e sistematizar a Dinâmica dos Corpos como uma estratégia pedagógica lúdica voltada à educação para os direitos humanos, à inclusão e ao enfrentamento de preconceitos no contexto escolar, evidenciando seu potencial para promover reflexões críticas sobre diversidade de gênero, sexualidade, raça e deficiências a partir da construção narrativa e da participação ativa dos estudantes.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que envolve a implementação, observação e análise de intervenções pedagógicas no contexto educacional. A proposta foi desenvolvida em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, em parceria com o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual da instituição, ao longo dos anos de 2023, 2024 e 2025.

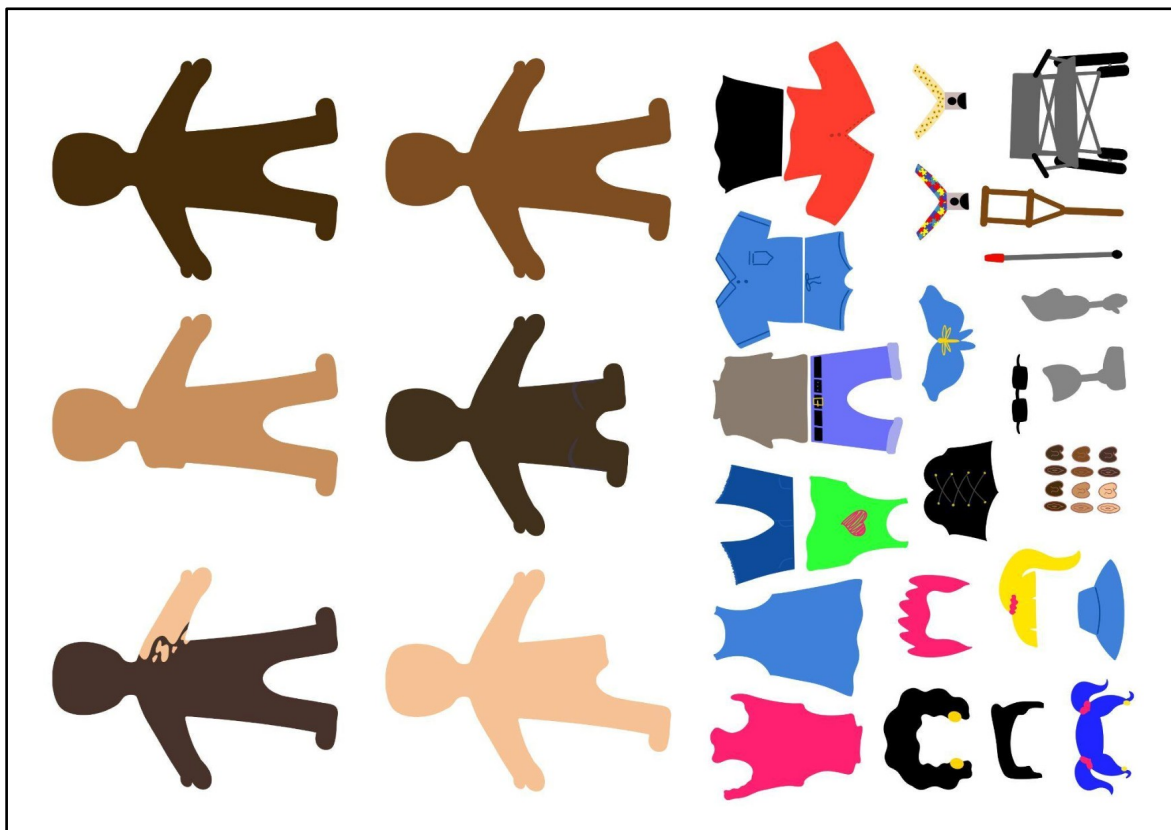
A Dinâmica dos Corpos foi desenvolvida em dez grupos distintos, contemplando diferentes públicos. Participaram da pesquisa seis turmas do Ensino Médio (cinco turmas do 1º ano e uma turma do 2º ano), dois grupos de estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (1º e 4º semestres), um grupo de estudantes de pós-graduação em Gestão Educacional e um grupo composto por membros da comunidade externa, incluindo professores da rede pública de ensino. No total, cada grupo contou, em média, com aproximadamente 30 participantes, todos com idade superior a 15 anos. As aplicações ocorreram em encontros com duração média de uma hora por grupo, em ambiente escolar, com mediação do pesquisador e apoio institucional. A dinâmica foi estruturada como uma atividade lúdico-pedagógica baseada na construção de narrativas a partir da manipulação de peças corporais que representam diferentes marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça e deficiência.

Inicialmente, os participantes receberam um corpo-base e foram convidados a observá-lo e descrevê-lo, considerando características físicas como tonalidade de pele, presença ou ausência de membros e outros elementos visuais. A partir dessa etapa, os estudantes registraram, por escrito, uma narrativa inicial orientada por questões norteadoras: “De onde



vim?”, “Onde estou?” e “Para onde vou?”. Na etapa seguinte, novas peças foram progressivamente incorporadas, incluindo roupas, acessórios e, posteriormente, representações de genitálias. Os participantes deveriam dar continuidade à narrativa previamente construída, mantendo coerência com as características já atribuídas ao personagem conforme figura 1. Esse procedimento visou tensionar concepções naturalizadas sobre identidade e corporeidade, possibilitando, por exemplo, a construção de personagens que desafiam a lógica binária de gênero. A seguir apresentamos as peças que compõem a dinâmica.

Figura 1: Peças que compõem a dinâmica.



Autor: Guerreiro, 2026.

Durante todo o processo, a mediação pedagógica incentivou a reflexão crítica sobre as narrativas produzidas, bem como sobre as falas, percepções e possíveis manifestações de preconceito emergentes nas interações. Observou-se que enquanto vão se produzindo os personagens figura 2, alguns participantes se deparam com dificuldades de compreensão de situações de vida que desafiam uma lógica da normalidade, de uma aparência heteronormativa, branca e sem deficiências.



Figura 2: Ilustração de uma das possíveis aparências para os personagens.



Autor: Guerreiro, 2026.

Ao final da atividade, foram realizados momentos de socialização coletiva das histórias elaboradas, seguidos de discussão orientada acerca dos marcadores sociais presentes, promovendo um espaço dialógico de problematização. Os dados foram constituídos a partir dos registros escritos produzidos pelos participantes durante a atividade, bem como das observações realizadas ao longo das proposições. A análise dos dados foi conduzida segundo uma abordagem qualitativa, buscando identificar padrões de sentido, recorrências discursivas e evidências de problematização de conceitos relacionados à diversidade, inclusão e direitos humanos.

A DINÂMICA DOS CORPOS COMO PROPOSIÇÃO LÚDICA E PEDAGÓGICA

A Dinâmica dos Corpos dialoga com as vertentes pedagógicas que priorizam a libertação humana e a construção coletiva do conhecimento. Freire (1970), critica a "educação bancária", na qual o professor é compreendido como o detentor do saber, o qual deposita o conhecimento nos alunos como em uma tabula rasa. Em vez disso, Freire (1970) propõe uma



educação problematizadora, onde educadores e educandos co-criam significados a partir de suas realidades.

Na dinâmica proposta, isso se concretiza ao montar corpos e narrativas: os estudantes não recebem respostas prontas sobre gênero ou raça, mas questionam normas ao construir personagens que desafiam binarismos, revelando opressões internalizadas. De acordo com Zanello (2022, p. 37), gênero "[...] é um conceito relacional e implica sempre relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio." Essas relações, associadas a diversidade sexual, são colocadas em questão na elaboração dos personagens, assim como as intersecções que envolvem raça, deficiências e classe social que geralmente aparecem nas discussões e narrativas criadas ao longo da dinâmica.

Ainda, segundo Freire (1996), temos a colocação da autonomia como fruto da reflexão crítica e da ação transformadora. Ele afirma que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Essa ideia inspira a dinâmica, pois os alunos mediatizam seus corpos fictícios pelo mundo social, discutindo em roda como um personagem com deficiência ou identidade trans navega preconceitos. Assim, a brincadeira freireana desperta a "consciência problematizadora", essencial para desnaturalizar o capacitismo ou o racismo.

As metodologias ativas ganham destaque como eixo central da proposta, pois colocam o estudante em movimento, em diálogo constante com o mundo e com os próprios saberes prévios. Piaget (1978), defende que o aprendizado ocorre por meio de processos de assimilação e acomodação, ou seja, quando o sujeito incorpora novas informações ao que já sabe (assimilação) e, ao mesmo tempo, reorganiza suas estruturas mentais para integrar experiências que desafiam o que já conhece (acomodação), o que só se torna pleno quando mediado pela ação concreta sobre objetos e situações reais.

Na Dinâmica dos Corpos, as peças corporais funcionam como “objetos de transição”, isto é, como suportes materiais que permitem que os alunos interajam diretamente com representações de tons de pele variados, próteses, cadeiras de rodas, acessórios e genitálias, manipulando esses elementos de forma lúdica. Ao montar corpos que não se encaixam nos padrões hegemônicos, os estudantes são convidados a revisitar suas ideias prévias sobre gênero, sexualidade, raça e deficiência, provocando primeiramente um desafio que os desacomoda, instiga a refletir sobre variadas maneiras de ser e estar na sociedade. Ao serem confrontados, podem ter oportunidade de refletir e possivelmente gerar acomodações cognitivas que ampliam sua compreensão da diversidade humana e problematizam visões estigmatizadas e naturalizadas.



O lúdico é o eixo central da Dinâmica dos Corpos, configurando-se como espaço de proteção e experimentação em que as normas sociais rígidas são temporariamente suspensas. Winnicott (1971), ao analisar o brincar, compreende o jogo como uma via privilegiada para a integração entre o self (conjunto de experiências e a continuidade de ser de um indivíduo, fundamentado no sentimento de realidade e na espontaneidade, que se desenvolve através de um ambiente acolhedor) e o mundo, pois permite que o aluno vivencie conflitos, desejos e angústias de forma simbolizada, sem a ameaça concreta do julgamento. Nesse sentido, as peças corporais utilizadas na dinâmica funcionam como “objetos transicionais” ao montar corpos, trocar genitálias, adicionar próteses ou variar tons de pele, os estudantes podem expressar medos de exclusão, curiosidade sobre gênero ou desconforto diante da diferença sem precisar expor diretamente suas próprias histórias de vida, o que reduz a sensação de vulnerabilidade e favorece a fala sobre temas delicados. Assim, o jogo proposto transforma a sala de aula em um espaço de transição, onde o brincar promove contenção emocional, experimentação de identidades e aprendizagem ética, fortalecendo a possibilidade de construção de uma subjetividade inclusiva e solidária.

Para Zanello (2022, p. 55), binarismo, ou “[...] forma binária de compreensão do mundo e da vida é uma construção histórico-social criada, reafirmada e mantida por diversos mecanismos, dentre eles as tecnologias de gênero.” Essas tecnologias retratam, recriam e reafirmam diferenças por mecanismos sociais que intensificam estereótipos de gênero, por exemplo: brinquedos em que as meninas quando crianças sempre são incentivadas ao cuidado (de boneca, de casinha, etc) e que meninos sempre são incentivados a comportamentos mais agressivos (de luta, de super heróis); comportamentos e frases repetitivamente ouvidas - menina senta de perna fechada, - homem não chora. São exemplos de como os estereótipos de gênero são vivenciados reforçando o binarismo na nossa vivência em sociedade. O jogo, ao incentivar a produção de histórias em uma lógica de vivência de sexualidades que vai além das identidades binárias masculino/feminino, tenciona estes estereótipos.

O JOGO EM AÇÃO

A análise dos materiais produzidos durante o desenvolvimento da Dinâmica dos Corpos evidenciou que a proposta pedagógica operou como um dispositivo de desestabilização de certezas, ao mesmo tempo em que dialogava com tradições que priorizam a libertação humana e a construção coletiva do conhecimento. Os registros textuais e as discussões coletivas revelaram, inicialmente, uma forte tendência à reprodução de padrões normativos e



binários, especialmente no que se refere às relações entre corpo, gênero e sexualidade, o que corresponde à crítica de Freire à chamada “educação bancária”, na qual normas sociais e naturalizações são internalizadas quase sem questionamento. Freire (1970), propõe uma educação problematizadora, na qual educadores e educandos co-criam significados a partir de suas realidades, na dinâmica isso se concretiza quando os estudantes montam corpos e narrativas, sem receber respostas prontas sobre gênero ou raça, mas ao questionar normas ao construir personagens que desafiam binarismos e revelam opressões internalizadas.

À medida que novas peças foram incorporadas, especialmente aquelas que tensionam a coerência entre elementos corporais, como a introdução de genitálias em corpos previamente caracterizados de outra forma, verificou-se um deslocamento nas narrativas, gerando estranhamento, questionamentos e, em muitos casos, rupturas nas construções iniciais. Esse movimento confirma a perspectiva de Freire (1996) de que a autonomia é fruto de uma reflexão crítica mediada pela ação, uma vez que os alunos mediatizam seus corpos fictícios pelo mundo social, discutindo em roda como um personagem com deficiência ou identidade trans navega em contextos que evidenciam preconceitos. A dinâmica, assim, favorece a emergência de uma consciência problematizadora, necessária para desnaturalizar padrões capacitistas, racistas e trans-fóbicos.

Os processos de reorganização do pensamento observados nas produções escritas e nas discussões coletivas também dialogam com Piaget (1978), para quem o aprendizado ocorre por assimilação e acomodação: quando o sujeito incorpora novas informações ao que já sabe e, ao mesmo tempo, reorganiza suas estruturas mentais para integrar experiências que desafiam o conhecido. Na Dinâmica dos Corpos, as peças corporais (Figura 1) funcionam como objetos de transição, isto é, suportes materiais que permitem que os alunos interajam diretamente com representações variadas de tons de pele, próteses, cadeiras de rodas, acessórios e genitálias, manipulando esses elementos de forma lúdica. Ao montar corpos que não se encaixam nos padrões hegemônicos, os estudantes são convidados a revisitar suas ideias prévias sobre gênero, sexualidade, raça e deficiência, provocando acomodações cognitivas que ampliam sua compreensão da diversidade humana e problematizam visões estigmatizadas e naturalizadas.

O caráter lúdico da dinâmica atua como eixo central, configurando-se como um espaço de proteção e experimentação onde as normas sociais rígidas são temporariamente suspensas, o que se aproxima da compreensão de Winnicott (1971) sobre o brincar como via privilegiada para a integração entre o self e o mundo. Nesse sentido, o jogo proposto transforma a sala de aula em um espaço de transição, onde os estudantes podem expressar medos de exclusão,



curiosidade sobre gênero ou desconforto diante da diferença sem expor diretamente suas próprias histórias de vida, o que reduz a sensação de vulnerabilidade e favorece a fala sobre temas socialmente delicados e permeados pelo preconceito. Ao mesmo tempo, o aumento significativo de engajamento observado durante a atividade corrobora a centralidade das metodologias ativas, que colocam o estudante em movimento, em diálogo constante com os pares, com o mundo e com seus saberes prévios, favorecendo tanto a participação quanto a profundidade das reflexões.

A construção coletiva das narrativas, por sua vez, evidencia que o conhecimento não se constitui de forma individual, mas emerge da interação entre os sujeitos. Em diversos grupos, as histórias foram reformuladas a partir das contribuições dos diferentes participantes, ampliando a circulação de perspectivas e fortalecendo a elaboração de significados mais críticos e contextualizados. A mediação pedagógica desempenhou um papel fundamental nesse processo, ao incentivar o questionamento de falas estereotipadas relacionadas à deficiência, à identidade de gênero e à raça, fazendo com que essas manifestações de preconceito fossem incorporadas à discussão em vez de permanecerem como comentários isolados. Esse movimento favoreceu tanto a explicitação quanto a problematização coletiva de preconceitos e estigmas, colocando em debate os preconceitos e contribuindo para a construção de um ambiente dialógico capaz de sustentar reflexões críticas sobre a realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidenciou que a Dinâmica dos Corpos é uma estratégia pedagógica efetiva para abordar temas relacionados à diversidade, promovendo a participação ativa e a problematização de concepções naturalizadas no contexto escolar. O caráter lúdico favoreceu o engajamento dos estudantes e criou um ambiente propício ao diálogo, articulando dimensões cognitivas e afetivas no processo de aprendizagem.

A atividade também possibilitou a explicitação e revisão de preconceitos, transformando essas manifestações em oportunidades de reflexão coletiva. Além disso, a construção de narrativas a partir de corpos diversos contribuiu para ampliar a compreensão sobre identidade e inclusão, promovendo deslocamentos em relação a visões rígidas e normativas. Destaca-se ainda o desenvolvimento da empatia e da sensibilidade diante das diferenças, reforçando o papel da escola na formação de sujeitos críticos e socialmente responsáveis.



Por fim, destaca-se que a Dinâmica dos Corpos contribui para a consolidação de práticas pedagógicas alinhadas a uma educação emancipatória, ao valorizar o protagonismo dos estudantes, o diálogo e a problematização da realidade. Ainda que os resultados sejam promissores, observa-se a importância de ampliar as investigações, explorando diferentes contextos educacionais e aprofundando a análise dos impactos a longo prazo dessa abordagem. Dessa forma, a continuidade de estudos nessa perspectiva poderá fortalecer ainda mais o desenvolvimento de estratégias educativas comprometidas com os direitos humanos, a inclusão e a transformação social evidenciando-se a necessidade de uma formação que dialogue com a formação e aprimoramento de habilidades socioemocionais presentes na dinâmica: diálogo, empatia, construção coletiva, valorização da diversidade, entre outras.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Disponível em: https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/modernidade_liquida.pdf. Acesso em: 7 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2026.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. (Capítulos clássicos sobre assimilação e acomodação). Disponível em (versão relacionada em repositório): <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Texto original em inglês publicado em 1971). Versão em português disponível em PDF: https://www.academia.edu/41240017/Winnicott_D_W_O_Brincar_E_A_Realidade. Acesso em: 16 mar. 2026.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Appris, 2022.

